

CARTA DO  
**LÍBANO**

Tatiana Fadel  
Rihan, passo a  
passo no Caminho  
de Santiago  
de Compostela

**SANTA  
VERÔNICA  
GIULIANI**  
RENASCE NO LÍBANO

Katia Chalita

**CARIOCA  
LIBANESA  
& GLOBALIZADA**

ELA É LEGÍTIMA  
REPRESENTANTE DO  
VIGOROSO ENCONTRO  
ENTRE O MELHOR  
DE DOIS PAÍSES





# CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO

## MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

**BRONZE: R\$ 5.000,00** (cinco mil reais)  
**PRATA: R\$ 20.000,00** (vinte mil reais)  
**OURO: R\$ 50.000,00** (cinquenta mil reais)  
**PLATINA: R\$ 100.000,00** (cem mil reais)

**É UM MOMENTO  
HISTÓRICO.  
APROVEITE-O!  
CONTRIBUA AGORA  
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,  
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,  
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,  
CNPJ 05.034.412/0001-66**



UMA PUBLICAÇÃO  
DA EDITORA NAÍME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL  
FOUAD NAÍME  
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE  
DUSHKA E MAYU TANAKA • ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO  
MARIO MENDES  
RENATA TURBIANI

FOTOS  
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS  
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO  
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL [CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR](mailto:CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR)

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908  
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA  
KATIA CHALITA  
FOTO  
GIOVANNA FRANGE

## FORÇA TRANSFORMADORA

**E**m nossa primeira edição de 2019, fazemos um voo rasante sobre o Rio de Janeiro. O estado e a cidade que receberam grande contingente de imigrantes libaneses e sírios e, hoje, formam uma das maiores comunidades de oriundos e seus descendentes no Brasil. São histórias e personagens desse intercâmbio de experiências e cultura entre nações que você acompanha nas próximas páginas.

Carioca da gema, a professora e presidente do Instituto de Cultura Brasil Líbano, Katia Chalita, fala da importância fundamental de suas raízes libanesas na brilhante carreira profissional que desenvolveu nas áreas da educação, cultura e política. Em um perfil vibrante e emocionante.

Já a escritora e empresária Tatiana Fadel Rihan, declara “Sou filha de descendentes de libaneses e sempre nos mantivemos próximos de nossas raízes”, no relato que faz de sua experiência no Caminho de Santiago de Compostela. Momento que a fez escrever um best-seller e mudar toda a sua trajetória de vida.

E conheça a história da Igreja de São Basílio, o primeiro templo greco-melquita da América do Sul e faz parte da história da cidade do Rio de Janeiro desde o século passado.

No âmbito internacional, saiba como a italiana santa Verônica Giuliani se tornou padroeira do Líbano e a comovente história que levou à construção de sua igreja, na cidade de Ksaibe, inaugurada em 2016.

Que a fé e a força estejam com todos.



FOUAD NAÍME  
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano



# SUMÁRIO

ANO 23 • NÚMERO 167 • 01.2019

CARTA DO  
LÍBANO

## 6 | Cartas

### 8 | Perfil

Ela mudou a vida percorrendo o famoso Caminho de Santiago de Compostela. A experiência virou livro e agora Tatiana Fadel Rihan está em uma jornada de autodescoberta e conhecimento compartilhado

### 12 | Capa

Ela é dona de uma sólida herança familiar e de um legado profissional invejável - onde se misturam política, educação e cultura - Katia Chalita é legítima representante do vigoroso encontro entre o melhor de dois países

### 22 | Comunidade carioca

Há mais de oitenta anos a Missão Libanesa Maronita do Brasil se estabeleceu no Rio de Janeiro

### 30 | Comunidade carioca

Inspirada pelo espírito cívico, a Liga Libanesa no Brasil permanece um fator de identidade cultural e política de uma comunidade

### 34 | Comunidade carioca

A história do Clube Líbano Fluminense foi uma ação coletiva das famílias dos imigrantes que se estabeleceram na cidade de Niterói e, ao longo de um século

### 36 | Comunidade carioca

Dos tempos do Segundo Império aos dias de hoje, a igreja greco-melquita de São Basílio, no Rio de Janeiro, é símbolo máximo da fé e o elo de união entre os imigrantes do Oriente Médio e seus descendentes no país

### 40 | Sociedade

Encontro entre as tradições gaúchas e a hospitalidade libanesa

durante as comemorações da Independência do Líbano em Pelotas

### 44 | Sociedade

Sociedade Cultural Libanesa comemora a Independência do Líbano, em Santa Maria (RS)

### 48 | Sociedade

Petit Palais

### 52 | Saga libanesa

O feliz encontro de dois jovens nos anos 1970 resultou em união vitoriosa a base de sólidos valores da cultura árabe. Hoje, esse casamento representa uma força atuante nas áreas do ensino, saúde e ação social na próspera região de São José do Rio Preto

### 58 | Reportagem

Como um religioso e um casal que perdeu uma filha muito jovem se encontraram para realizar uma profissão de fé cujo resultado se encontra na aldeia de Ksaibe, no Líbano. A bela igreja consagrada à santa Verônica Giuliani que é hoje padroeira dos católicos libaneses



AG  
**ATIQUE GABRIEL**  
CLÍNICA MÉDICA

**Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel**

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica  
e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo,  
Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal das cidades de  
São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

## CONTATOS

[www.drgabrielcardio.com.br](http://www.drgabrielcardio.com.br)

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126



# CARTAS

Meu amigo!

“Li a revista. É maravilhosa! Conta a história de libaneses eternos construtores, verdadeiros fenícios que deram ao mundo os números, o alfabeto e as técnicas magistrais das negociações!”

Traça um perfil de dona Bertha Mendes de Souza, uma dama fina da primeira hora dos áureos tempos cariocas!

Fala de Habib Jebailey, hoje família Miguel, desfilando os descendentes libaneses que construíram Poços de Caldas!

Escreve páginas maravilhosas sobre Waldemar Miguel nas Gerais!

Não poupou letras para nos presentear com a história de Miguel Roumanos Maria! E fecha a edição com a história dos Kassoufs!!!

Linda revista!

Tenho orgulho de recebê-la.

**Habib Tamer Badião,**

Diretor da Organização Mundial Pela Paz-ONU  
Goiânia, GO

Prezado editor e amigo,

“Obrigado pelo envio da revista Carta do Líbano, com um novo projeto gráfico moderno e corajoso.

Parabéns pela inovação, que mantém no pódio o seu incansável editor.

Aproveito para informar ao prezado amigo que, graças ao meu trabalho intelectual incessante, e mantendo minha conduta profissional pautada na ética, fui ao Supremo Tribunal Federal, onde recebi o prêmio Dom Quixote de La Mancha, que tanta honra me proporcionou.

**Gaitano Antonaccio,**  
Manaus, AM

## CORREÇÃO

Por um erro técnico, a legenda da foto (à esquerda) não foi publicada corretamente na reportagem “Noite libanesa com sotaque carioca”, edição 166, dezembro de 2018. Andréa e Mireille Saade com a consulesa do Líbano, Fernanda Diehl, mais Chloé e Chiara Fenianos

Segue a legenda correta da foto (à direita) da reportagem “Natal antecipado, generoso e emocionante em Campo Grande”, edição 166, dezembro 2018: Ricardo Ayache, Tatiana e Marquinho Trad e Melissa de Andrade



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presentando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME .....

E-MAIL ..... TEL. ....

ENDEREÇO .....

CEP ..... CIDADE ..... ESTADO .....



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede  
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP  
ou para o nosso endereço eletrônico [contato@cartadolibano.com.br](mailto:contato@cartadolibano.com.br)

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500  
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 0186 · CONTA CORRENTE 07470-4





De Porto Alegre a Santiago de Compostela, na Espanha, Tatiana Fadel Rihan escreveu um livro sobre sua viagem, com 5 mil fotos e vídeos que permitem ao leitor um mergulho total na experiência da autora



FOTO: FOUAD NAÏME

Tatiana Fadel Rihan

# PASSO A PASSO NO CAMINHO DE SANTIAGO

Ela mudou a vida percorrendo o famoso Caminho de Santiago de Compostela. A experiência virou livro e agora Tatiana Fadel Rihan está em uma jornada de autodescoberta e conhecimento compartilhado

“**T**enho orgulho de minhas origens. Sou filha de descendentes de libaneses e sempre nos mantivemos próximos de nossas raízes”, declara a empresária e escritora bem-sucedida Tatiana Fadel Rihan - seu livro “Uma Viagem em um Bloco de Notas”, sobre a experiência no lendário Caminho de Santiago, está na quarta edição. Ela conta entusiasmada como teve os primeiros contatos com a cultura de seus antepassados através do avô materno, Gabriel Fadel: “Cresci ouvindo as histórias que ele contava sobre Trípoli, a sua cidade natal e, sobretudo, ele gostava de reunir a família nos almoços de sábado para degustar as delícias da cozinha libanesa que minha avó, Dina (Leopoldina, gaúcha, descendente de italianos e alemães), sabia preparar como ninguém”, recorda-

se. Também ouvia com o avô as músicas típicas da região onde ele nasceu e tratou de aprender com ele as primeiras noções sobre os negócios do comércio. “Meus avós me mostraram como ser uma pessoa generosa, a ajudar as pessoas, a ser um bom empregador, porque isso era parte da vida deles, que ajudavam quem estava com necessidade e sempre eram amáveis com todos à sua volta”.

Como contam todos os descendentes de imigrantes libaneses, a dedicação e o empenho ao trabalho foram um legado importante deixado pelos avós para as gerações que se seguiram. Do lado paterno, os avós de Tatiana, Pedro e Lourice Rihan, eram imigrantes vindos de Beirute. “E por tudo isso sou grata”, completa.

Aos 25 anos ela decidiu deixar a casa da família e se aventurar pelo mundo. Diz que seu amor pelas viagens vem da herança libanesa, dos árabes que deixaram sua terra para encontrar novas e





melhores oportunidades em outros países. O primeiro destino foram os Estados Unidos, onde permaneceu por dois anos: “De lá, com uma mochila nas costas, fiz uma volta ao mundo que durou um ano”, conta. Era 1998, e esse tipo de viagem não era muito comum para uma jovem empreender sozinha. Por isso quando voltou ao Brasil decidiu colocar tudo no papel. Porém, sofreu o bloqueio de escritor principiante: “Comecei a ler minhas anotações e o auto boicote veio com tudo. Quem era eu para escrever um livro? E aí, não fui em frente”.

Foram necessários mais 10 anos até que ela sentisse novamente a necessidade de alçar outros vôos. Dessa vez decidiu fazer a célebre peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela. A experiência foi ainda mais intensa e quando veio a decisão de transformá-la em um relato literário, Tatiana foi até o fim. O resultado foi “Uma Viagem em Um bloco de Notas”: “Esse livro foi um dos grandes presentes que a vida me deu”, afirma. “Fui escrevendo enquanto fazia a caminhada e ao final de 445 dias eu tinha 616 páginas”. O prefácio foi assinado por ninguém menos do que Luiz Fernando Veríssimo e ela optou pelo formato interativo, com 5 mil fotos e vídeos que permitem ao leitor um mergulho total na viagem da autora.

Novamente o sangue libanês se fez presente e Tatiana resolveu empreender, sendo a própria distribuidora da obra, promovendo o lançamento do livro em várias capitais brasileiras. “Foi um processo todo gestado por mim”, diz orgulhosa.

“Retornei ao Caminho mais três vezes e estou preparando mais dois livros que formam uma trilogia”.

No momento, Tatiana escreve o segundo volume que espera publicar em breve e, confessa, ainda tem que driblar um certo bloqueio: “Ainda não sei se é devido ao sucesso do primeiro, mas sinto que o momento certo é agora, porque os leitores me pediram uma continuação e eu estou caminhando nessa direção”, anima-se.

Enquanto escreve, corta, edita e vai finalizando os capítulos do novo título, ela vem trabalhando com palestras

“Meus avós me mostraram como ser uma **peessoa generosa**, a ajudar as pessoas, a ser um bom empregador, porque isso era parte da vida deles...”

motivacionais e de autoconhecimento, em empresas e eventos como congressos para profissionais de diversas áreas. “Estou em busca do autoconhecimento e compartilhar esses passos é um dos grandes propósitos da minha vida”, explica. Tatiana acredita que quando desejamos mudar o mundo, devemos começar a transformação em nós mesmos.

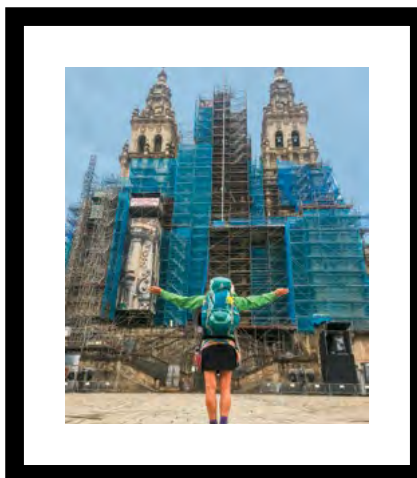
Paralelamente, trabalha em outro projeto: conduzir pessoas pelo Caminho de Santiago de Compostela, ajudando-as a fazer as leituras de seus processos de peregrinação. “É um trabalho de campo. Lindo e muito desafiador”, resume.

A cada nova viagem que faz, Tatiana diz encarar como mais uma oportunidade para o autoconhecimento: “Observando a mim e a tudo por todos os lados”. Nem poderia ser de outra moda, uma vez que ela declara ser a própria vida a matéria primordial de seus trabalhos: “Escrevo sobre a realidade, os sentimentos, espiritualidade e conexão. E sou grata por isso”. Ela também atua como terapeuta e alquimista do Sistema Floral Joel Aleixo.

Tatiana Fadel Rihan diz que o sucesso de vendas de seu primeiro livro se deve à simplicidade das palavras e da verdade contida em cada passo: “Sinto que, ao se aproximar de mim, o leitor se aproxima de si mesmo”, conclui. Por isso, seu próximo projeto se chama Cura em Movimento e tem a ver com auto responsabilidade, amor e estilo de vida. ■



No alto, nas Mesetas, entre a cidade de Burgos e Leon, na Espanha; acima, Tatiana na noite de autógrafos, na Livraria Cultura, em São Paulo; ao lado, chegando à Catedral de Santiago de Compostela com sua mochila Deuter, final e início de um novo caminho. Na página ao lado, acima, a caminhada da Casa del Alquimista, na rota de San XII - Caminho de Santiago, na Espanha e, abaixo avó Leopoldina Fadel com a filha Ivete Fadel e a neta Tatiana. Na segunda fila, os irmãos de Tatiana: Ricardo, Adriano e Christiano Fadel Rihan



#### SERVIÇO

Quer viajar? Sentir a emoção da aventura? Então abra o livro “Uma Viagem em Um bloco de Notas”, escrito e projetado para passar emoções ao leitor de forma interativa. A cada página, você poderá acessar os links através de QR Codes, assistir aos vídeos e ver as fotos da autora em sua peregrinação a Santiago de Compostela. Você poderá sentir a energia e a magia do lugar que é famoso por transformar a vida dos que lá se aventuram. Para contato: [tati@dirihan.com.br](mailto:tati@dirihan.com.br)





FOTO: GIOVANNA FRANGE / AGRADECIMENTO AO HOTEL SOFTEL IPANEMA PELA GENTILEZA EM DISPONIBILIZAR A LOCAÇÃO PARA AS FOTOS.

KATIA CHALITA

# CARIOCA LIBANESA & GLOBALIZADA

Dona de uma sólida herança familiar e de um legado profissional invejável - onde se misturam política, educação e cultura - Katia Chalita é legítima representante do vigoroso encontro entre o melhor de dois países

Katia Chalita, presidente do Instituto de Cultura Brasil Líbano e da Aliança Francesa do Rio de Janeiro, e consultora nas áreas de Comunicação, Cultura e Mídia & Educação



## Como muitos libaneses, que fizeram o mesmo caminho em busca de melhores condições de vida, o avô de Katia, Chalita Saade, desembarcou no Rio de Janeiro na década de 1890

**P**erguntada sobre quais são as suas ligações com o Líbano, a professora Katia Chalita é simples e direta: “Todas!”. Não é para menos, apesar de carioquíssima, seus pais, avós, bisavós e parentes são todos nascidos no Líbano ou têm origem libanesa. Uma ligação tão intensa que determinou inclusive os caminhos profissionais trilhados por essa mulher que dedicou grande parte da vida à educação e à cultura nas cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis. Hoje ela é presidente do Instituto de Cultura Brasil Líbano, da Aliança Francesa do Rio de Janeiro e consultora nas áreas de Comunicação, Cultura e Mídia & Educação, mas é preciso voltar no tempo para conhecer melhor sua trajetória e compreender a influência decisiva de suas raízes libanesas. Mais precisamente na virada final do século 19, quando teve início a história de sua família no Brasil.

Como muitos imigrantes libaneses que fizeram o mesmo caminho naqueles dias, em busca de melhores condições de vida, o avô de Katia, Chalita Saade, desembarcou no Rio de Janeiro na década de 1890. “Ele nasceu em Beit Menzer, no norte do Líbano, e ao chegar no Brasil foi morar em Conceição de Macabu, no interior do estado, trazendo o filho mais velho José para ajudá-lo nos negócios”, conta. “Minha avó, Kathur Saade, permaneceu em Beit Menzer com os demais filhos do casal”. Assim que se estabeleceu melhor na nova terra, Chalita Saade mandou virem do Líbano mais dois filhos, João e Sayd Chalita Saade, pai de Katia, que chegou ao Brasil com 14 anos, em 1913, querendo estudar medicina. Mas já desembarcou trabalhando, por influência do pai e dos irmãos mais velhos. No caminho do Rio até Conceição de Macabu, os rapazes iam vendendo pelas cidades as mercadorias compradas em Niterói.

Em 1920, o irmão mais velho, José, decidiu voltar ao Líbano, em razão da febre amarela que contraiu no Brasil, e lá permaneceu e se casou com Nabiha, com quem viveu em Beit Menzer durante a vida toda.

No Brasil, os Saade foram prosperando e, na falta de um banco na cidade, tudo o que ganhavam com o trabalho era depositado com o proprietário de um armazém de secos e molhados. O comerciante, vendo o tino para os negócios e a capacidade empreendedora dos imigrantes, não demorou a propor a eles a compra do armazém. Assim foi feito e logo a ação comercial de Chalita Saade e filhos se ampliou não só na cidade como no estado do Rio de Janeiro. A transferência para a Cidade Maravilhosa era inevitável, com os irmãos João e Sayd abrindo uma loja de tecidos, a J. Chalita & Irmão, na Praça da República, no Centro da então capital federal.

O estabelecimento se tornou referência no segmento e, durante a década de 1950, tornaram-se os maiores atacadistas de tecidos do Rio de Janeiro, vendendo muito e despachando grandes fardos de mercadoria para outras regiões do país. Ao mesmo tempo, eram membros atuantes da colônia libanesa, principalmente pelo auxílio que dispensavam aos conterrâneos que vinham viver no país, em seus primeiros tempos por aqui - uma maneira de compartilhar com a comunidade o sucesso obtido no Brasil.

Em 1950, aproveitando a boa maré, Sayd Chalita decidiu retornar ao Líbano para se casar. A escolhida foi Juliette Farid Hakim, também natural do norte libanês, filha de Farid Salim Hakim e de Marie Awad Hakim. A lua-de-mel aconteceu em Roma. “Quando chegaram aqui no Brasil, minha mãe já estava grávida de mim, e dois anos depois nasceu minha irmã Gladis”, lembra Katia. “E como era o costume na época, fomos registradas no Líbano e no Brasil.”

Comerciante bem-posto e pai dedicado, Sayd



Katia Chalita lecionou Francês e Tradução na PUC-Rio, além de dirigir o Departamento de Letras da instituição





decidiu comemorar em grande estilo os aniversários de 8 e 6 anos das filhas, em 1959. Partiu com a família rumo ao Líbano, dessa vez para uma estada de alguns meses. Era preciso que as filhas conhecessem, com mais profundidade, a família, o estilo de vida do país, a cultura e as tradições de seus antepassados. “Foi a nossa oportunidade de aprender o árabe e mergulhar num rico e multifacetado caldeirão cultural”, diz Katia com visível orgulho. “Conhecemos de perto a família Chalita Saade de nosso pai e a família Hakim, de nossa mãe. A viagem foi inesquecível por muitos aspectos, mas, em especial, pelos contrastes com o que vivíamos no Brasil. E, apesar de já conhecermos os costumes libaneses em nosso dia a dia no Rio, estar no seio de nossa família nas montanhas libanesas, compartilhando a rotina, as refeições, o idioma, as ações e reações dos libaneses de raiz, foi uma experiência ímpar e muito rica para o conhecimento da história e da identidade do nosso povo”. Katia acredita que todos os descendentes de libaneses

deveriam passar pela mesma experiência. Na volta do mergulho nas raízes, ela foi estudar no tradicional colégio *Sacré-Coeur de Marie*, onde permaneceu até o final do Clássico, o equivalente ao atual Ensino Médio. Formou-se em Letras - Português-Francês - na PUC-Rio, onde também fez Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. A estudante então se viu em uma nova e excitante aventura, foi viver em Paris, para uma especialização em Linguística e Metodologia do Ensino do Francês, na Sorbonne, e de Linguística, na *Maison des Cultures du Monde*. Hoje, revendo aqueles tempos, ela reflete: “Às vezes me pergunto se não foram as históricas francofonia e francofilia libanesas que influenciaram minha opção e meu gosto tão acentuado pela língua e a cultura francesas, às quais me dediquei por boa parte da minha vida profissional”. Novamente no Brasil, ela se dedicou, nos dez anos seguintes, a lecionar Francês e Tradução na PUC-Rio, além de dirigir o Departamento de Letras da universidade. Desempenhou a mesma função de

1. Parte da família Chalita Saade reunida. Em pé: Madeleine, Ramez, Adela, Wahib, Evelyn, Teresa, Sayd, Georges Arej Saade, Latifa e Juliette. Na frente: Wadih, Antônio e Charles 2. Na casa do avô paterno, Chalita Saade, em Beit Menzer, em 1966: Sayd Chalita (em pé), José Chalita Saade, Juliette Chalita, Nagibe Nehme, Nabiha Saade, Emilie Saade, Aale Saade e Alice Saade 3. Na década de 60, no Líbano, três filhos de Chalita Saade: Sayd (caçula), Aale e José 4. Katia Chalita debutando no Clube Monte Líbano, final dos anos 60 5. Katia com as filhas Maria Eduarda e Maria Fernanda, a nora Fernanda, os filhos Bernardo Henrique e Eduardo Augusto, o marido João Paes de Carvalho e a neta Manuela 6. Os primos, Pierre e Katia





1. Casamento de Sayd Chalita e Juliette Hakim na igreja da sede de verão do Patriarcado Maronita, em Dimen, norte do Líbano. Igreja superlotada e uma semana de comemorações 2. Sayd Chalita aos 15 anos, recém-chegado ao Brasil 3. Família Chalita Saade reunida no batizado da filha de Antônio Saade, Karin. Em pé: Latifa Saade, Phoenicia Saade, Karim Nasr, Nagibe Nehme, Juliette Chalita. Sentadas: Adele Saade, Mireille Saade e Madeleine Saade. Nas laterais, duas convidadas 4. Sayd Chalita posa para foto, aos 19 anos, no Brasil 5. Katia e a irmã mais nova Gladis com os pais Juliette e Sayd Chalita



ensino na Faculdade da Cidade, acumulando também a chefia do Departamento de Línguas Estrangeiras. Com tanta atividade profissional, é de admirar que ela tenha encontrado tempo para se casar, em 1977, com o advogado Eduardo Mansur Mattar, falecido em 2012. “Desse casamento nasceram meus quatro queridos”, diz. O advogado Eduardo Augusto, a jornalista Maria Eduarda, o economista Bernardo Henrique e a chef de cozinha Maria Fernanda. “Agora também tenho três netos muito amados: Manuela, Leonardo e Rafael”, faz questão de contar.

Mas o que marcou mesmo a vida familiar e a carreira profissional de Katia, foi a mudança para a cidade serrana de Petrópolis, em 1985. Decisão tomada pensando em uma melhor qualidade de vida para os filhos. Para conseguir atender às exigências

e necessidades do cuidado de quatro crianças, ela se afastou temporariamente da vida acadêmica e acabou se envolvendo em ações comunitárias e sociais da cidade serrana onde residiam.

Uma coisa levou à outra e ela se viu, em 1986, como candidata a deputada estadual e, dois anos depois, à Prefeitura de Petrópolis. E não parou por aí: “A trajetória política me fez participar de vários programas televisivos e, daí, parti para outro longo caminho profissional, em TV, audiovisual, mídia e comunicação... São as muitas voltas que o mundo dá... e nossas vidas também”.

Resumindo, foram mais de 20 anos como âncora, roteirista e consultora de conteúdo de programas educativos e culturais em várias emissoras. Na TV Educativa foi debatedora dos programas “Sem Censura” e “Primeiro Time”, além de roteirista e apresentadora do “France Express” e “Aventuras”, revistas televisivas sobre a cultura francesa. Na Band Rio e na MultiRio, apresentou os programas interativos e ao vivo “MultiEducação” e “Rio, a Cidade” - este último durante oito anos, debatendo temas de interesse da cidade e seus cidadãos. Foi ainda roteirista e âncora dos programas “Vif@x Brasil” e “Restez Br@nché”, ambos dedicados ao ensino da língua francesa, na TV Escola. Prestou consultoria, escreveu roteiros e ancorou a série educativa “Ideias e Caminhos” - da MultiRio, Net TV e Web TV - direcionada a professores em sua prática na sala de aula. Ainda na área da comunicação e do audiovisual, entre 2005 e 2008 dirigiu o núcleo de TV, Rádio e Cinema da MultiRio, da Prefeitura do Rio, responsável pela produção de conteúdo audiovisual para a rede de ensino público, que recebeu diversos prêmios por sua criatividade na produção.

Enquanto isso, o envolvimento com a comunidade petropolitana e o trabalho cultural e social desenvolvido na cidade lhe renderam um convite para atuar como secretária de Cultura da cidade e presidente da Fundação Petrópolis de Cultura, Esporte e Lazer. Nessa época esteve à frente de projetos cujos resultados são sentidos até hoje, como a abertura do histórico Palácio Rio Negro à visitação pública, e a reinauguração do tradicional Teatro D. Pedro, entre outros marcos culturais da cidade. Em reconhecimento a esse trabalho recebeu,



“Somos o resultado do que construímos em nossas vidas, mas também da herança que recebemos de nossos antepassados...”

– Katia Chalita

em 1998, o título de Cidadã Petropolitana e, no ano seguinte, entrou para a Academia Petropolitana de Letras, a segunda mais antiga do Brasil.

Na virada do século 20 para o 21, Katia foi curadora da exposição “Os Mapas do Descobrimento”, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, que apresentou ao público o acervo de aquarelas de João Teixeira Albernaz, pertencente ao Itamaraty, com mapas e passagens da história do Brasil do século 17.

Sempre uma entusiasta pela interação entre as culturas libanesa, francesa e brasileira, Katia Chalita foi convidada, em 2014, pelo presidente da Federação das Entidades Líbano Brasileiras, Nelson Mufarrej Filho, para o projeto de fundação do Instituto de Cultura Brasil Líbano, do qual se tornou vice-presidente e diretora, divulgando a cultura libanesa no Brasil e incentivando o diálogo, a troca e a inspiração entre os dois países. Entre as iniciativas do Instituto nesse período, ela destaca a geração de conteúdo de música, pensamentos, filosofia, arte, imagens e poesia para a página do ICBL no Facebook: “Considerada precursora de uma nova linguagem nas redes sociais, e seguida por um grande número de libaneses, seus descendentes, e por brasileiros que admiram a cultura libanesa”, explica. Outra ação marcante foi a realização, em 2017, do Panorama do Cinema Libanês, que trouxe ao Rio e a São Paulo diretores, produtores, roteiristas, artistas e o melhor da produção cinematográfica libanesa contemporânea.

No ano passado, Katia assumiu a presidência do Instituto, com o desafio de manter o trabalho sólido e obstinado realizado na gestão anterior.

Ao longo da carreira ela produziu e publicou artigos e ensaios sobre o plurilinguismo e os benefícios do uso de programas televisivos, vídeos e documentos audiovisuais no ensino e aprendizagem

de línguas estrangeiras, em especial, o francês. “Também me aventurei pelo campo da ficção e participei de duas edições da antologia de poemas e contos ‘Escrito por Elas’, publicadas pela Aerdna Editora”, conta.

Além de conferencista e palestrante, no Brasil e no exterior, participou, de 2016 a 2018, da criação da Escola Libanesa do Rio de Janeiro, integrando seu corpo diretor e sua mantenedora, a Sociedade Libanesa Brasileira de Ensino. “Foi uma experiência educacional inédita de escola laica multilíngue, tendo o árabe e o português como línguas primeiras, além do inglês e do francês, visando preparar os alunos para o mundo globalizado e desafiador que temos pela frente”, orgulha-se.

Outro motivo de emoção e orgulho foi receber do governo francês os títulos de *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*, em 2003, e de *Officier dans l'Ordre des Palmes Académiques*, dez anos depois, pelo trabalho de difusão da cultura e da língua francesas e da sua interação com a cultura brasileira.

“Somos o resultado do que construímos em nossas vidas, mas também da herança que recebemos de nossos antepassados, dos valores que absorvemos, dos hábitos que incorporamos, dos exemplos que seguimos, e daquilo que deliberadamente resgatamos ao buscar nossa identidade e nossa história. Por isso me alegra tanto recuperar a história da família e dos descendentes do meu avô Chalita Saade”, conclui a libanesa carioca.

Hoje Katia Chalita, casada novamente - com o economista e empresário João de Saint-Brisson Paes de Carvalho - vive plenamente as conquistas pessoais e profissionais junto à família e amigos. É, sem dúvida, um exemplo para a nova geração de mulheres que buscam, cada vez mais, conquistar seu espaço e sua voz no mercado de trabalho e na sociedade. ■



A carismática Katia é uma entusiasta da interação entre as culturas libanesa, francesa e brasileira





Comunidade Carioca

# UMA SAGA DE FE, FORÇA E AMOR

Há mais de oitenta anos a Missão Libanesa Maronita do Brasil se estabeleceu no Rio de Janeiro, iniciando uma história gravada nos corações e mentes dos moradores do tradicional bairro carioca da Tijuca



Padre Elias Gorayeb e integrantes da comunidade maronita junto à estátua de Nossa Senhora do Líbano, na Missão Maronita, década de 1940

FOTOS: ARQUIVO DA MISSÃO MARONITA



**A**o visitar a Missão Libanesa Maronita, no Rio de Janeiro, em seus primeiros dias de fundação, o bispo Otaviano, do Maranhão, disse em seu discurso: “Deus agraciou o Brasil (foi generoso com o Brasil) com muitas belezas naturais e riquezas de valor incalculável que fizeram com que esse país fosse semelhante ao Paraíso” - e o distinguiu com um outro nome: “Paraíso Espiritual”. Ele se referia às congregações religiosas, que se assemelham às árvores abundantes do Éden, ricas em frutos deliciosos para alimentar espiritualmente o povo cristão brasileiro.

Observou-se, porém, que faltava nesse paraíso a árvore do Cedro e, por isso, Deus teria enviado os missionários libaneses ao Brasil para completar esse maravilhoso Éden.

E para que o Cedro pudesse chegar ao Brasil, com o estabelecimento da Missão no país, foi necessária a incansável ajuda de um outro bispo brasileiro, o cardeal Sebastião Leme, que não poupou esforços para a fundação de uma sede dos missionários libaneses no Rio de Janeiro. E assim, em 19 de junho de 1931, chegaram à cidade, vindos de Buenos Aires, dois missionários - Elias Maria Gorayeb e Gebrael Zaidan - calorosamente recebidos pela comunidade libanesa e, em especial, por alguns representantes maronitas de prestígio na sociedade carioca.

A princípio, os sacerdotes residiram por algum tempo na igreja de Santa Efigênia, no Centro, onde realizavam seus ritos religiosos para libaneses maronitas que viviam e trabalhavam na região, bem como instituíram a Congregação Nossa Senhora do Líbano e, em seguida, o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus.

À procura de um lugar mais adequado para seus trabalhos - com maior espaço para receber os fiéis - os padres Elias e Gebrael conseguiram adquirir, no bairro da Tijuca, uma antiga casa de dois andares que foi rapidamente restaurada - sob a orientação

do cardeal Leme. A força de vontade, abnegação, sacrifício e dedicação da dupla religiosa fizeram deles um exemplo a ser seguido pelos sucessores.

Nessa época, fevereiro de 1932, juntou-se a eles o padre Youssef Mansur el-Hani, também vindo da Argentina - da Missão da República do Prata, a pioneira na América do Sul - que permaneceu na Missão carioca até seu falecimento, em dezembro de 1975.

A inauguração da Missão no bairro da Tijuca (rua Conde de Bonfim, 638) aconteceu em 22 de maio de 1932, ministrada pelo cardeal Leme, junto com o Conselho Superior Geral dos Missionários Libaneses. Em um eloquente discurso, Sua Eminência enalteceu a fé, o carisma e a luta dos maronitas, comparando-os às rochas e ao Cedro do Líbano: “O rei Salomão trouxe o Cedro do Líbano para construir o Templo de Deus. Eu, porém, como não posso chegar até ao Cedro, orgulho-me de poder empenhar-me e esforçar-me, entregando uma parte de mim para a existência desta nova casa maronita!”

Três anos depois, o padre Elias Gorayeb comprou, com muito esforço, um terreno junto à primeira casa. E em 1936 construíram ali uma escola para alunos internos e externos, que foi referência por mais de dez anos. Era um local de convivência para os membros da colônia libanesa, onde se preservava o idioma, a cultura, os costumes e as tradições de um povo.

Finalmente, em 1946, foi estabelecida a paróquia Nossa Senhora do Líbano, através de decreto do arcebispo dom Jaime de Barros Câmara. Rapidamente o espaço utilizado como igreja tornou-se pequeno para o número de famílias libanesas residentes nas redondezas e também para os moradores brasileiros do bairro. Contando com a vontade e o apoio popular, foi eleita em 1951 uma associação especial para a construção da igreja de Nossa Senhora do Líbano. O lançamento da pedra fundamental, em 18 de novembro daquele ano, contou com a presença do cardeal e do então presidente da República, Getúlio Vargas.

“A inauguração da Missão no bairro da Tijuca aconteceu em 22 de maio de 1932, ministrada pelo cardeal Leme, junto com o Conselho Superior Geral dos Missionários Libaneses”



Padre Elias Maria Gorayeb com representantes maronitas de prestígio na sociedade carioca





“ O rei Salomão trouxe o Cedro do Líbano para construir o Templo de Deus. Eu, porém, como não posso chegar até ao Cedro, orgulho-me de poder empenhar-me e esforçar-me, entregando uma parte de mim para a existência desta nova casa maronita! ”

– Cardeal Leme

A igreja Nossa Senhora do Líbano em fase de construção





No ano seguinte, a Congregação Missionária no Líbano fundou um bispado maronita no Brasil, sendo nomeado o cardeal dom Jaime Câmara como primeiro bispo dessa arquidiocese oriental e, no mesmo dia, dom Jaime encarregou o padre Elias Gorayeb como representante geral para assuntos ligados aos maronitas, siríacos, caldeus e armênios.

Mas o padre Elias Gorayeb prosseguia sonhando com uma igreja nova, ampla e bela, que viu tornar-se realidade em 1960 - com arquitetura admirável em estilo gótico de torres e vitrais artísticos - pouco antes de sua morte, no mês de agosto. A tristeza tomou conta de todo o bairro da Tijuca que considerava o padre Elias um guia espiritual e grande defensor dos mais necessitados. O religioso teve enterro oficial, acompanhado por uma enorme multidão que congestionou as ruas próximas à igreja. O reconhecimento da Prefeitura do Rio de Janeiro veio na forma de um busto do padre Elias, colocado na praça e na rua que levam seu nome.

O Conselho da Congregação nomeou o padre Felipe Soaiby, superior da Missão Libanesa do Brasil, para prosseguir o trabalho do padre Elias. O padre Felipe Soaiby havia chegado ao Rio com o padre Felipe Yazbek e, junto com o padre José el-Hani, trabalhou na finalização das obras da bela igreja.

Outro passo importante foi dado em maio de 1964, com a visita oficial do padre Sessin Zaidan,

superior-geral da Missão Libanesa Maronita no Brasil, lançando a pedra fundamental do edifício para abrigar as obras sociais da entidade, em cerimônia presidida pelo cardeal dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro. Neste período foram colocados os vitrais da igreja e organizados os projetos de construção da obra social, que seria finalizada em 1975, ano da morte do padre Youssef el-Hani, sepultado na igreja de Nossa Senhora do Líbano, junto aos padres Elias Gorayeb e Nemetullah al-Andari. No mês de outubro, foi canonizado em Roma o santo libanês Charbel Makhlof. Houve missas festivas e procissões acompanhadas por grande

multidão à rua Conde de Bonfim e, nessa ocasião, um representante da colônia libanesa, Khalil Bou Ainain, doou à igreja três estátuas esculpidas em madeira simbolizando Nossa Senhora do Líbano, São Maroun e São Charbel.

Entre 1976 e 1983 foram concluídos projetos importantes como a restauração externa da igreja, principalmente as duas torres, coincidindo com as comemorações dos 50 anos (Jubileu de Ouro) da presença da Missão Libanesa Maronita no Brasil. A praça São Charbel, próxima à Missão, foi inaugurada em 1986 pela Prefeitura do Rio.

Para realizar sua obra religiosa e de auxílio à comunidade, a Missão recebeu auxílio e apoio permanentes de várias entidades: Associação das Damas da Misericórdia, Associação Beneficente Maronita, Congregação Mariana, Apostolado da Oração e Associação da Juventude Líbano-Brasileira. O ambulatório, criado em 1993, presta atendimento médico mensal para cerca de 150 crianças e 100 adultos, além de promover a doação de medicamentos e enxovais de bebê para a população carente. Há 26 anos, a igreja de Nossa Senhora do Líbano também oferece educação para jovens e adultos. E 70 famílias de baixa renda recebem mensalmente cestas básicas da Missão. Atualmente, o superior responsável pela igreja é o padre Samuel Tanios Madel. ■

“ O padre Elias Gorayeb prosseguia sonhando com uma igreja nova, ampla e bela, que viu tornar-se realidade em 1960 - com arquitetura admirável em estilo gótico de torres e vitrais artísticos ”



Missa na igreja Nossa Senhora do Líbano na década de 1960, e uma celebração recente (no destaque)





*Comunidade Carioca*

# UM PEDAÇO DO LÍBANO EM TERRAS CARIOCAS

Inspirada pelo espírito cívico, a Liga Libanesa no Brasil permanece um fator de identidade cultural e política de uma comunidade



FOTOS: ARQUIVO DA LIGA LIBANESA

Khatar Youssef Rechuan ao centro, de branco, com membros da Liga Libanesa do Brasil



Sede da Liga Libanesa do Brasil, no bairro Tijuca, Rio de Janeiro



## “As primeiras reuniões da entidade aconteceram no salão social da Missão Libanesa Maronita do Brasil, no bairro da Tijuca”

As dificuldades sócio-políticas vividas pelo Líbano durante os anos 1950 também foram sentidas pelos imigrantes libaneses e seus descendentes que viviam no Brasil e ainda possuíam família e amigos em sua terra de origem. Foi exatamente em um esforço cívico para ajudar os que lá viviam, que a Liga Libanesa do Brasil foi criada no Rio de Janeiro, no dia 25 de maio de 1958.

As primeiras reuniões da entidade aconteceram no salão social da Missão Libanesa Maronita do Brasil, no bairro da Tijuca, espaço cedido pelo padre Elias Maria Gorayeb. Delas fizeram parte, entre outros,

Khatar Youssef Rechuan, David Saadi, Antônio Saadi, Salomão Saadi, Antoine Hanna Saade, Hamid Hamdar, José Jorge, José Nachef, Neme Aina, Michel Challoub, Ibrahim E. Awad, Jorge Zouain, Kabalan Salloum Ghanem, Munir Helayel, Chafic Chaia, José Asmar, Bechara Fares, Salomão Simão, Jaime Simão, Joseph Salloum Ghanem, Chicrala el-Jorr, Edmond Baracat, Assad Gattas e Cheul Hetti.

Entre junho e julho do mesmo ano foi adquirida a primeira sede própria - na avenida Presidente Vargas, no Centro da cidade - onde seria realizada a primeira reunião oficial seguida das comemorações da principal data Nacional do Líbano, o dia de sua independência.

Antes de se estabelecer em seu endereço atual, na avenida Melo Matos - onde está desde 1961 - a Liga teve como endereço o Edifício Brasília, na avenida Rio Branco.

O envolvimento da entidade com a causa libanesa foi tão abrangente que ultrapassou o mero expediente de comemoração das datas cívicas nacionais, desenvolvendo também atividades de caráter cultural, estreitando os laços entre dois povos e inserindo seus conterrâneos na sociedade brasileira. Em todos esses anos apenas quatro libaneses e descendentes estiveram à frente da Liga: Khatar Youssef Rechuen, Jorge José Barquet, Joseph Salloum Ghanem e Rogério Hanna Bassil.

Hoje, mais do que nunca, a Liga Libanesa do Brasil mantém seus ideais de divulgação de um legado cultural milenar, mantendo-o acessível para todo o povo carioca e brasileiro. ■



Presidente do Conselho Deliberativo da Liga Libanesa do Brasil, professor Roberto Habib, e o saudoso presidente da entidade, Joseph Salloum Ghanem



Os salões lotados da Liga Libanesa mostram sua atividade intensa, em prol da causa do Líbano, nos últimos 50 anos







Comunidade Carioca

# ÁLBUM DE FAMILIAS

A história do Clube Líbano Fluminense foi uma ação coletiva das famílias dos imigrantes que se estabeleceram na cidade de Niterói e, ao longo de um século, colaboraram para o desenvolvimento do país que as acolheu.

A saga dos imigrantes que chegaram ao Brasil na transição entre os séculos XIX e XX é sempre motivo de curiosidade e fascínio. É nesse período, mais precisamente em 1917 que aconteceu a fundação do Clube Líbano Fluminense, criado por membros da comunidade que desejavam não só um local de confraternização entre as famílias originárias do país, como também um símbolo de orgulho que marcasse presença em sua nova terra, a cidade de Niterói.

O grupo que se reuniu para criar a entidade teve de enfrentar muitos

sacrifícios e infortúnios até ver os frutos de seus esforços. Eram 21 os membros fundadores: Mansur Tauil, Elias Tauil, Mansur Abi Zaid, Nicolau Estrela, Nagib Chaiban, Tannus Bazhuni, Pedro Chehair, Naelé Daedach, José Miguel e Nicolau Assad, Alexandre Mattar, Tufle Mocarzel, Wadih Coury, Halem Mocarzel, Tiulie Garios, Elias Saad, Kalil Bazhuni, Abdo Bazhuni, José Abi Zagni e Antonio Marum. O exemplo de perseverança deixado por eles influenciou as gerações seguintes, consolidando a existência e o prestígio do clube.

A entidade se viu ainda mais fortalecida ao se unir ao Centro Sírio-Libanês e Centro Líbano Fluminense, fundados respectivamente em 1921 e 1923. Além da colônia libanesa, a ideia era também aproximar os demais povos árabes e seus descendentes, bem como os cidadãos brasileiros.

Nesses 101 anos de existência, os sócios do Clube construíram um valioso patrimônio que inclui a sede social no Centro da cidade de Niterói e a bela sede campestre, na cidade de Maricá. Entre os que o presidiram encontram-se os nomes de Emilio Bedran, Alexandre Mattar, Mansur Tauil, Nicolau Mansur, David Gebaily, Camilo Nahoun e João Bazhuni. Sem falar nas muitas famílias associadas que contribuíram com o progresso do Brasil nas mais diversas áreas. Entre elas destacam-se os sobrenomes Assad, Abi-Ramia, Aboud, Abunahman, Amin, Bazhuni, Bedran, Beiruth, Challoub, Cheade, Chini, Cury, Daher, Deccache, Farah, Haddad, Helayel, Kalil, Mansur, Nalin, Nacif, Nahoun, Nasser, Nazar, Rachid, Saad, Salomão, Saud, Sayd, Simão, Slaibi, Tauil, Tutungi e muitos outros.

Que as novas gerações de descendentes de libaneses continuem a escrever e enriquecer a bela história do Clube Líbano Fluminense. ■



FOTOS: ARQUIVO DO CLUBE LÍBANO FLUMINENSE

No alto, o presidente do Clube Líbano Fluminense, David Gebaily, chefiando uma delegação para agradecer ao diretor do Patrimônio do Estado pela lavratura da escritura do terreno onde foi construída a atual sede própria. Acima, visitando o Governador Thogo de Barros. No detalhe, a sede campestre do Clube Líbano Fluminense





Comunidade Carioca

# UMA IGREJA DO ORIENTE NO BRASIL

Dos tempos do Segundo Império aos dias de hoje, a igreja greco-melquita de São Basílio, no Rio de Janeiro, é símbolo máximo da fé e o elo de união entre os imigrantes do Oriente Médio e seus descendentes no país

**O**s fiéis greco-melquitas são, em sua maioria, habitantes do Oriente Médio que, devido às constantes crises provocadas pelas guerras na região, emigraram para vários países, inclusive o Brasil, entre os anos de 1869 e 1890. O primeiro registro da visita de uma autoridade eclesiástica melquita ao país é de 1874. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, dom Basílio Hajjar, arcebispo de Tiro e Deir al-Kamar, foi recebido e condecorado pelo imperador dom Pedro II. Nos anos seguintes, com o crescimento da diáspora, a Igreja passou a se preocupar com os fiéis que viviam em outros países e, a pedido do Patriarca, a Santa Sé enviou sacerdotes orientais para essas terras.

Já no século 20, o objetivo do Conselho Greco-Católico Melquita - criado em 1928 - era a construção de uma igreja para a comunidade de seus fiéis no Rio de Janeiro. O projeto começou a ser realizado em 1938, quando o monsenhor Georges Haddad e o núncio apostólico dom Aluísio Masella lançaram a pedra fundamental do templo, na então rua do Núncio, atual República do Líbano.

No ano seguinte, enquanto a igreja estava em obras e o monsenhor Haddad retornou ao Líbano, coube a seu substituto, Elias Couéter, celebrar a Santa Liturgia nas igrejas da Arquidiocese carioca.

Nesse período, o projeto quase sofreu mudança radical quando, em 1939, monsenhor Couéter, então vigário-geral dos melquitas no Brasil, tentou transferir a construção do templo para Copacabana, onde viviam os membros mais abastados da comunidade melquita, como Felipe Gebara. Porém, o Conselho preferiu manter a igreja no Centro da cidade, próxima à rua da Alfândega, centro econômico da Capital Federal e um símbolo para a comunidade árabe. Concluída em 1941, a igreja foi chamada São Basílio e seu conjunto arquitetônico contava também com um prédio de três andares, onde ficavam os apartamentos para os padres e um salão destinado aos eventos da comunidade.

Na mesma época aconteceu a nomeação de dom Maximos Sayegh como delegado patriarcal para os melquitas católicos imigrados. Mais tarde, quando voltou ao Líbano, ele se tornou o patriarca Maximos 4 Sayegh (1947-1967). Após a Segunda Guerra, em 1946, o arcebispo dom Jaime de Barros Câmara declarou a paróquia de São Basílio, nomeando o



HOMENAGEM A DOM ELIAS COUETER  
☆ 15 - 08 - 1890  
† 16 - 06 - 1985  
CONSTRUTOR DA IGREJA DE SÃO BASILIO E DA  
CASA PAROQUIAL CRIADOR DE CINCO PAROQUIAS  
E PRIMEIRO BISPO MELQUITA DO BRASIL



FOTOS: ARQUIVO

No alto, a comemoração do Jubileu de Prata da paróquia de São Basílio, no Rio de Janeiro, em 1991. Ao lado, placa na igreja em homenagem a dom Elias Coueter. Acima, interior da paróquia de São Basílio





Monsenhor Georges al-Khoury, atual pároco da igreja greco-melquita, no Rio de Janeiro

monsieur Elias Couéter seu primeiro pároco e tornando a igreja a primeira greco-melquita no país.

A trajetória de dom Elias Couéter no Brasil foi marcante. Nascido em Damasco, na Síria, em 15 de agosto de 1896, estudou no seminário melquita de Sant' Ana, em Jerusalém, e foi ordenado sacerdote em 1925. Em seguida trabalhou em Beirute, no Cairo e em Damasco, até ser designado para a diáspora melquita. Ao ser nomeado monsenhor, em 1936, foi enviado para trabalhar em Detroit, no estado de Michigan, nos EUA. Na sequência, decidiu-se que ele seria responsável pela organização da Igreja Melquita no Brasil, chegando ao país em 1939.

Na igreja de São Basílio permaneceu até 1960, quando foi eleito bispo de Taua (uma diocese in partibus infidelium) e intitulado bispo auxiliar do arcebispo do Rio de Janeiro para os melquitas do Brasil, dom Jaime de Barros Câmara. Em seguida, o monsenhor se transferiu para São Paulo e, em 1972, através do decreto Cum Fidelium do papa Paulo 6, foi criada a Eparquia de Nossa Senhora do Paraíso de São Paulo, da qual tornou-se “o primeiro eparca, para todos os fiéis melquitas de rito bizantino no Brasil”. Dom Elias Couéter se aposentou em 1977 e continuou vivendo no Brasil, vindo a falecer em São Paulo, em 16 de junho de 1985.

Outro importante personagem na história da igreja de São Basílio foi o monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh, que iniciou suas atividades na comunidade ao chegar ao Brasil, em 1957. Libanês, ele nasceu em Deir al-Kamar, em 2 de setembro de 1919, tendo estudado na escola episcopal da cidade.

Ainda muito jovem viajou para a França, onde viveu no turbulento período da Segunda Guerra Mundial, entre 1938 e 1945, quando trabalhou para a Rádio Difusão Francesa. Além disso, formou-se em Letras na Sorbonne, nos idiomas árabe, grego e latim.

Ao chegar ao Brasil, passou a residir na casa paroquial da Igreja de São Basílio, dividindo-se entre as atividades de padre e professor na PUC-Rio, a convite do arcebispo dom Jaime de Barros Câmara. Em 1969, atendendo a outro convite, dessa vez do acadêmico Afrânio Coutinho, fundou o setor de Estudos Árabes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1969, onde doutorou-se, em 1978, com a tese: “O Meio Ambiente na Literatura Árabe Escrita no Brasil”. Sempre unindo vida religiosa e acadêmica, ele é o autor do “Dicionário Árabe-Português-Árabe” (1986; UFRJ/Ao Livro Técnico), do “Dicionário Português-Árabe” (2004; Librairie du Liban) e “Dicionário Árabe-Português” (Almádena Editora). O monsenhor Alphonse faleceu em 8 de novembro de 2015 e foi sepultado em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Segundo o monsenhor Georges al-Khoury, atual paroco da igreja greco-melquita: “A paróquia de São Basílio, em plena Saara, no Rio de Janeiro, é o lar histórico dos imigrantes sírios e libaneses católicos. Os idiomas usados nos ritos são o grego, árabe e português. A igreja greco-melquita foi o primeiro templo católico oriental no Brasil. Apesar de ainda ter forte conexão com a comunidade síria e libanesa, sua missa tem público crescente formado por jovens e por pessoas com curiosidade religiosa e intelectual”. ■

#### CONSELHO GRECO-CATÓLICO MELKITA DO RIO DE JANEIRO:

Monsenhor George Khoury (Presidente), Ivan Mathias (Diretor-Presidente), Joel Georges Elias Mansour (Vice-Presidente) Pedro Mansour (Procurador-Geral), Maria Helena Feres Saad (Procurador-Geral Substituto), Miriam Helena Nóbrega Koury (Secretário-Geral), Itamar Ribeiro de Carvalho (Secretário-Geral Substituto), Maria Helena Faour (Tesoureiro-Geral), Jorge Eduardo Gabriel Koury (Tesoureiro-Geral Substituto)



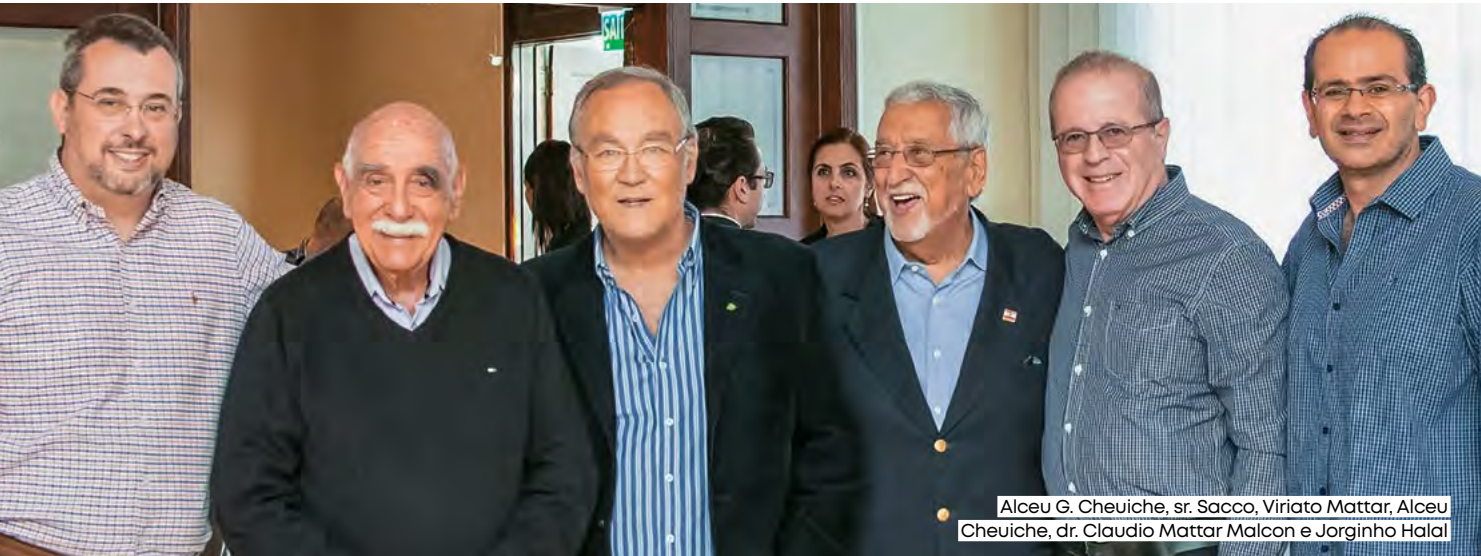
# CARMO COURI

## Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes  
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

**(31) 3299-3000**





Alceu G. Cheuiche, sr. Sacco, Viriato Mattar, Alceu Cheuiche, dr. Claudio Mattar Malcon e Jorginho Halal

# PELOTAS NACÇÕES AMIGAS

Uma comemoração anual realizada pela diretoria da Sociedade Libanesa de Pelotas

Foi perfeito o encontro entre as tradições gaúchas e a hospitalidade libanesa durante as comemorações da Independência do Líbano em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A sede da Sociedade Libanesa local ficou animada durante o almoço com churrasco árabe, comida e doces libaneses, além de contar com a apresentação de grupos musicais e de dança típicos. Uma verdadeira confraternização entre dois povos, suas culturas e costumes. ■



Dr. Claudio Mattar Malcon, Dilcinha Mattar Malcon e Roberto Mattar Malcon

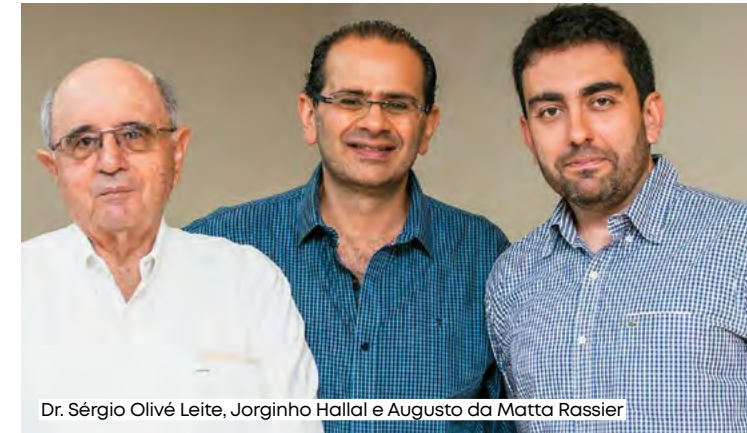


Padre Charbel Germanos e Alceu nos agradecimentos

FOTOS: GIOVANNA FRANGE



Dançarina do Grupo de Dabke, da escola de dança da Sociedade Libanesa de Porto Alegre



Dr. Sérgio Olivé Leite, Jorginho Halal e Augusto da Matta Rassier



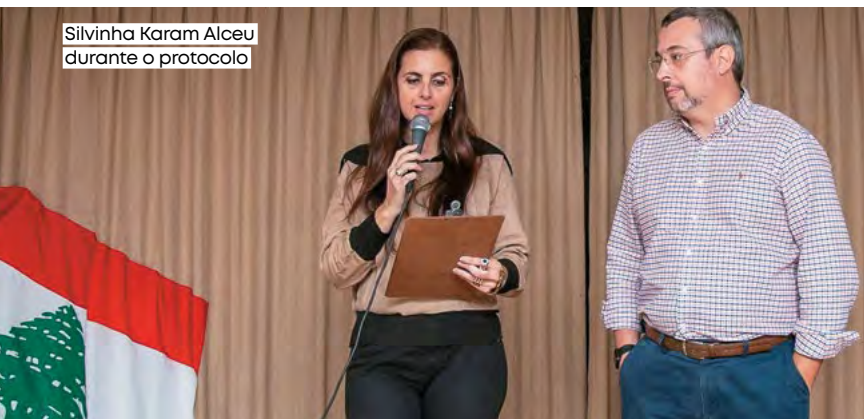
Daniela e Alceu Cheuiche



Família Gazalle Magalhães, Marcio e Leticia Real

Encontro entre as tradições gaúchas e a hospitalidade libanesa durante as comemorações da Independência do Líbano em Pelotas





Silvinha Karam Alceu durante o protocolo



Alceu G. Cheuiche e a ganhadora do presente oferecido pela ótica Cristal



Léo Zilberknop e Marilene Alam



Jorginho Halal, Luiza e sua filha Lulu



Eida e Roberto Nader, Alceu G. Cheuiche e Daniela, Márcio Bitar Real e Letizia, Sandra e Daniel Curi Halal, Marina Atrib, Silvinha Karam, Luiza O. Leite Halal, Ronaldo e Leila Karini



Grupo de dança com a Irmã Maronita Libanesa



Max entrega a Marilene Alam a passagem para Punta Del Este oferecida pela Go Travel



Peto Lahm e Débora, dr. Emerson Dallarosa e Laurinha Lahm



Daniel e Jorginho Halal com o prêmio que receberam, a nova cerveja Lebanon produzida no RS por Prost Beer

Uma verdadeira confraternização entre dois povos, suas culturas e costumes



# Em Santa Maria, DISCURSOS, GASTRONOMIA E DANÇA DO VENTRE

Em sua fala, o professor Paulo Sarkis registrou a importância desta data para os libaneses e seus descendentes

Mais comemorações dos 75 anos da Independência do Líbano pelo Brasil a fora. Dessa vez, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 21 de novembro. Foi um evento na Associação dos Professores Universitários da cidade (APUSM), organizado por uma comissão da Sociedade Cultural Libanesa composta por descendentes de libaneses, da qual fazem parte: Paulo Jorge Sarkis, Marcia Abaide, Jorge Adaime Filho, Julio Farret, Luiza Bajotto Adaime, Thiago Mottecy Piovezan, Isaias Salin Farret, Claudio Abelin, Jorge Adriano Saicoski Sarkis, Juliana Maliska, Paulo Saicoski Sarkis e Martha Adaime.

Os duzentos convidados participaram da cerimônia iniciada com a execução dos hinos nacionais dos dois países e comandada pelo mestre de cerimônia Jorge Adaime Filho. Houve uma breve saudação aos presentes feita pelo professor Paulo Jorge Sarkis, representante da



Jorge Adaime, Marcia Abaide e Paulo Sarkis, membros da comissão organizadora da solenidade

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Juliano Dellazzana e Luiza Adaime, da comissão organizadora



Padre maronita Charbel Germanos, da Igreja Nossa Senhora do Líbano de Porto Alegre



As dançarinas vestiam as cores da bandeira do Líbano



Simone e Iolanda Caill



Anastácia Musa Neimeh, Maria Helena Achutti e Lia Achutti



Confederação das Entidades Líbano Brasileiras (Confelibra). A noite também contou com a presença dos libaneses padre Charbel Germanos e irmãs Laure Trad e Hoda Khoury.

Em sua fala, o professor Paulo registrou o significado da data, que marca o moderno reconhecimento internacional do Líbano como nação independente, quase ao final da II Guerra Mundial, e ressaltou a forte identidade que o país foi formando ao longo de milênios em torno do Monte Líbano, do vale do Bekaa e das cidades costeiras. Bem o legado cultural e étnico marcada por grandes contribuições nas Ciências, Artes e no Comércio.

O jantar foi assinado por Claudio Abelin, do buffet do restaurante Maab. Sobre as mesas, havia a identificação de cada uma pelo nome de uma região do Líbano.

No encerramento, o grupo de dança da professora Marcela Trevisan apresentou coreografias típicas, com nove dançarinas vestidas com as cores da bandeira libanesa. A grande atração foi a própria Marcela, executando a dança do ventre, como já fez em países do Oriente Médio. ■



As Irmãs libanesas Laure Trad e Hoda Khoury, do Solar Monte Líbano de Porto Alegre



Juliana Maliska, Jorge Adriano Sarkis e Paulo Saicoski Sarkis, jovens encarregados da recepção dos convidados



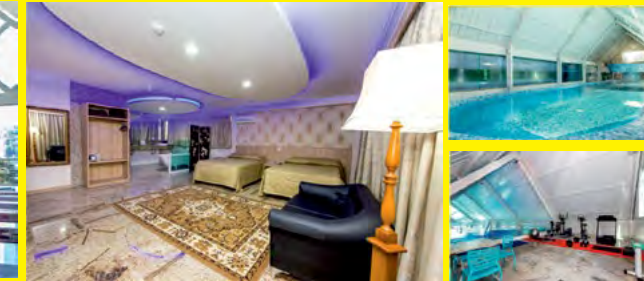
Nilson Medeiros Alves e Martha Adaime, da comissão organizadora do evento



Luciano e Neusa Rocha

## Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



Reservas: (12) 3663-3654  
3663-3611 / 3663-3638

reservas@daninncampos.com.br

Joaquim Pinto Seabra, 170  
Vila Everest - Campos do Jordão

Castelo Nacional Inn - (12) 3662-5950

Golden Park Campos- (12) 3664-4230

Pousada Nacional Inn - (12) 3663-4540

www.nacionalinn.com.br

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

## Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

**HOTEL + PISCINAS AQUECIDAS + PARQUE WALTER WORD**



comercial@thww.com.br

+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131 - Jardim Del Rei

www.nacionalinn.com.br

REDE FAMILIAR LIBANESA





# PETIT PALAIS

O colunista social Jorge Alberto Nabut abriu as portas de sua casa para um jantar libanês

Grande anfitrião, jornalista e historiador Jorge Alberto Nabut

Anfitrião de primeira grandeza, Jorge Alberto Nabut abriu as portas de sua luxuosa casa, desta vez para um jantar libanês especialmente oferecido aos primos maternos e paternos, no maior e melhor clima de confraternização e alegria. Tudo mais que perfeito!

Lírios amarelos, em suntuoso arranjo, davam boas-vindas aos convidados que dividiram com o anfitrião os brindes da noite. O palacete mereceu "tour" pelos seus indescritivelmente ricos ambientes. Da entrada aos jardins iluminados - paixão confessa do colunista - dos salões decorados - com móveis e adereços europeus - ao estúdio, em cuja mesa principal repousavam exemplares da obra poética do escritor.

Convidados encantés, deliciaram-se também com poema inédito, recitado pelo autor-anfitrião, e a apresentação inédita do tenor Tiago Neves. Noite memorável. Um luxo! ■

POR VIRGINIA ABDALLA, COLUNISTA SOCIAL



Com seu irmão oftalmologista Carlos Alberto Nabut e a esposa Regina

FOTOS: ARI MORAES



De Rio Preto, o engenheiro Jorge Abdanur Stephan, a esposa Rosana e o filho Leonardo



Com Norma Moisés e Jandira Abdalla



Larinha e o arquiteto Guilherme Nabut



Jorge recebendo Helenice Carneiro



Entre as primas Vera Abdanur e Letizia Boaventura



Toninho Mattar e Sylvania com a filha Natalia



O anfitrião e seu grande amigo, o festejado decorador internacional Alexandre Assumpção





Jorge Nabut, esta colunista e o mega empreendedor Silvino Rodrigues da Cunha



Eustáquio Reis e Jamila



Com seus sobrinhos Fabiano Nabut e Paula



Advogado Lucas Nabut, Adriana e a filha Alice



Silvania Abdanur, tenor Tiago Neves, Virginia e Miriam Pinto Cruz



As banqueteiras Mariza Cury e Fátima, responsáveis pelo divino buffet libanês



Os garçons Luiz e Mauro, sempre impecáveis

# Marcel Philippe<sup>desde 1968</sup>

marcel.com.br



Lírios amarelos, em suntuoso arranjo, davam boas-vindas aos convidados que dividiram com o anfitrião os brindes da noite





Dr. Halim Atique



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Salim Skaf Miguel e seu irmão Selem Skaf Miguel



Dr. Halim Atique e Yvette Gabriel Atique



Nagib Gabriel e Acaiber Cury Gabriel

# Sucesso em família

O feliz encontro de dois jovens nos anos 1970 resultou em união vitoriosa a base de sólidos valores da cultura árabe. Hoje, esse casamento representa uma força atuante nas áreas do ensino, saúde e ação social na próspera região de São José do Rio Preto



“ Em breve **histórico familiar paterno de Edmo Gabriel**, encontramos seu pai, **Alfredo Gabriel**, filho de **Nagib Gabriel e Akaiber Cury**. Até a **fatídica crise de 1929**, Nagib - filho de **Gabriel Elias e Louise Ceimon** - era o **principal comerciante**, fazendeiro e empreendedor de São José do Rio Preto ”

**S**e existe um casal realmente empreendedor no âmbito do ensino, este é o formado por Edmo Gabriel e Maria Lúcia Atique. Eles se casaram em 1976 e, na sequência, iniciaram importante trabalho em São José do Rio Preto, cidade no oeste do estado de São Paulo, berço da família. Além da função de engenheiro elétrico - na CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz), onde permaneceu entre 1977 e 1998, Edmo também era professor universitário e se dedicou a concluir mais três graduações (Administração de Empresas, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis) e duas especializações (Planejamento Empresarial e Gestão de Empresas Estratégicas). Maria Lúcia por sua vez também concluiu graduações (Pedagogia e Ciências Econômicas) e três especializações (Matemática Aplicada, Econometria e Direito Processual Civil). Sem contar que, entre 1977 a 1988 mantiveram atividades de gestão e docência na Faculdade de Direito Rio-pretense. E, no mesmo período, mantinham sociedade com Halim Atique Júnior, irmão de Maria Lúcia na instituição de ensino. Até que finalmente decidiram fundar sua própria instituição, o que aconteceu em março de 1990, com o início das atividades acadêmicas da Unilago - União das Faculdades dos Grandes Lagos de São José do Rio Preto - com os cursos de Publicidade e Serviço Social. Hoje, 29 depois, a escolha conta com 7 mil alunos, 45 cursos de graduação e 36 cursos de pós-graduação, sendo que o curso de Medicina - instituído há sete anos - é o mais importante.

Mas é preciso voltar no tempo para se entender melhor de onde vem a dedicação e o amor pelos estudos, bem como o empenho constante pelo trabalho. Ambos são brasileiros de origem síria e libanesa. Seus pais nasceram aqui, mas os avós chegaram ao Brasil munidos de sonhos, esperanças, trazendo com eles os hábitos, costumes e a cultura de seus países.

### O CLÃ GABRIEL

Em breve histórico familiar paterno de Edmo Gabriel, encontramos seu pai, Alfredo Gabriel, filho de Nagib Gabriel e Akaiber Cury. Até a fatídica crise de 1929, Nagib - filho de Gabriel Elias e Louise Ceimon - era o principal comerciante, fazendeiro e empreendedor de São José do

Rio Preto, tendo ocupado cargos importantes na comarca e fundado entidades como Associação Comercial, Automóvel Clube, Clube Monte Líbano, Sociedade Jovens Syrios, Loja Maçônica Cosmos, Santa Casa de Misericórdia e Rio Preto Esporte Clube. Além de ter sido o proprietário do primeiro automóvel que a cidade viu, um Studebaker. Junto com os irmãos, também era proprietário da Casa Esperança, famoso estabelecimento comercial na época.

Alfredo Gabriel, pai de Edmo, era o filho mais velho, e vivenciou a fase áurea da família, mas teve de trabalhar para ajudar o pai quando os negócios se deterioraram, devido à crise mundial de 1929, e seus irmãos eram pequenos. No final da década de 1930 transferiu-se para São Paulo, trabalhando na zona cerealista e na Praça do Patriarca. Com o início da Segunda Guerra, pensando na possibilidade de uma convocação para lutar na Europa, Alfredo



Alfredo Gabriel e Adélia Miguel (ao centro, de pé) com irmãos e cunhados



Benedita Godói Miguel

juntamente com a família segue para o extremo noroeste do estado, instalando-se na cidade de Murutinga do Sul, onde residiam alguns parentes. A atividade da família era o comércio de produtos agrícolas também pelas cidades de Guaraçai e Andradina. Nas andanças pela região ele conheceu Adélia Salim Miguel - filha do imigrante sírio Salim Skaf Miguel e de Benedita Godoi. Casaram-se no final da Guerra, em abril de 1945, e da união nasceram Edson José Gabriel (médico, residente em Andradina), Edmo Gabriel (engenheiro) e Edmeia Gabriel (advogada e bióloga, residente em Campinas). O patriarca Alfredo Gabriel teve uma vida plena e com total lucidez até os 90 anos,

quando faleceu, em 2006. Dona Adélia segue firme em seus 94 anos, residindo em Guaraçai, igualmente lúcida como o marido.

Nascido em Andradina, Edmo Gabriel estudou no Rio de Janeiro e se formou em Engenharia Elétrica, em 1974, pela UEG, atual UERJ. Sua vida carioca de estudante foi marcada por condições financeiras extremamente limitadas e logo após se formar trabalhou na Furnas Centrais Elétricas. Cerca de dois anos depois, lendo um jornal da sua cidade, durante um período de férias, viu a foto de uma bela moça que dentro de alguns meses lhe foi apresentada por amigos comuns. Era Maria Lúcia Atique.

### O LEGADO ATIQUE

Natural de São José do Rio Preto, ela é a filha caçula de Halim Atique e Yvette Gabriel. Seu pai, Halim Atique nasceu na pequena Monte Alto, próxima a Catanduba e São José do Rio Preto, e seus pais eram Wady Atique e Alia Chueire. Ele foi um dos principais médicos e educadores da cidade, formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de





Família Atique Gabriel: Dr. Edmo Atique Gabriel, Dr. Sthefano Atique Gabriel, Edmo Gabriel e Maria Lúcia Atique Gabriel



Dr. Edmo Atique Gabriel

Janeiro ainda Capital Federal, sendo aprovado em primeiro lugar no vestibular, em 1940. Trabalhou como assistente do renomado professor Luiz Amadeu Capriglione, entre 1945 e 1947, quando voltou a São José e iniciou uma carreira como clínico geral, cardiologista e gastroenterologista. Casou-se em 1948 com Yvette Gabriel, filha de Amin Gabriel e Adélia Bechara Hage, libaneses de Jdeidet Marjayoun e Zahle, respectivamente. Seus filhos são Halim Atique Junior (advogado, residente em São José do Rio Preto) e Maria Lúcia Atique (advogada e matemática).

Quando criança Maria Lúcia viveu nos EUA, durante o período em que seu pai fez especialização em Gastroenterologia, na Filadélfia, com um dos mais importantes catedráticos do segmento, o professor Henry Bockus. Na volta ao Brasil, em 1956, o casal Halim e Yvette tornou-se sócios de um colégio de segundo grau, mais tarde assumiram a propriedade da instituição de ensino que mais tarde se transformou na primeira Faculdade de Direito de São José do Rio Preto e região, revelando as habilidades de ambos como exímios

gestores e educadores no âmbito da educação superior. A Faculdade foi importantíssima para o desenvolvimento de São José, hoje reconhecida cidade universitária do interior paulista. Halim e Yvette faleceram ainda no auge da vida profissional, ela aos 52 anos e ele, aos 61.

#### A SOMA ATIQUE + GABRIEL

O espírito visionário e pioneiro das duas famílias soma-se no casal

“O espírito visionário e pioneiro das duas famílias soma-se no casal Edmo e Maria Lúcia e foi propulsor de mais uma grandiosa obra, - a fundação das Faculdades Integradas de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, em 1993”

Edmo e Maria Lúcia e foi propulsor de mais uma grandiosa obra, a - a fundação das Faculdades Integradas de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, em 1993, com os cursos de Administração de Empresas, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, e hoje conta com cerca de 5 mil alunos, 40 cursos de graduação e 30 cursos de pós-graduação.

Recentemente eles contam com a colaboração de seus dois filhos - Edmo Atique Gabriel e Sthefano Atique Gabriel - na construção de um hospital universitário na cidade, que leva o nome do pai de Lúcia, Prof. Dr. Halim Atique, em homenagem ao pai da Maria Lúcia.

Os ensinamentos da cultura libanesa estiveram presentes na criação dos filhos do casal. Edmo é médico formado pela PUC - Campinas, fez residência de Cirurgia Geral na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e a residência de Cirurgia Cardiovascular na Universidade Federal de São Paulo. Ele também obteve os títulos acadêmicos em doutorado, pós-doutorado e livre docência, bem como fez especialização em Cirurgia Cardiovascular de adultos e crianças, atuando como fellow em renomadas instituições americanas como University of Miami, Texas Heart Institute, Harvard Medical School, University of Pennsylvania, Cleveland Clinic e o Lenox Heart Hospital de Nova Iorque.

Atualmente ele se divide entre São José do Rio Preto e São Paulo, onde atua no Hospitais HCor, Sírio-Libanês e Albert Einstein, além de atender pacientes em Brasília e no Rio de Janeiro. Trabalha

também na gestão dos negócios de família, coordena curso de Medicina da Unilago, ministra aulas na graduação e pós-graduação. E ainda ocupa cargos em três importantes conselhos nacionais, por nomeação ministerial.

Enquanto isso, seu irmão, Sthefano Atique Gabriel, também é médico, formado pela PUC - São Paulo, tendo se especializado em Cirurgia Endovascular e Ecografia Vascular com Doppler. Também atuou como professor da PUC - Campinas e em sua pós-graduação recebeu aprovação máxima da banca examinadora, composta por renomados profissionais das diversas universidades brasileiras. Viveu por dois anos na Itália, se especializando em Cirurgia Aórtica Convencional e Endovascular no Ospedale San Raffaele, em Milão, tendo publicado artigos médicos em revistas internacionais.

É casado com a também cirurgiã vascular, Camila Baumann Beteli, e atualmente desenvolve atividades em São José do Rio Preto. Em parceria com o irmão Edmo, fundou a Clínica Médica Atique Gabriel.

Com o olhar sempre voltado para as necessidades da saúde da população de sua cidade, concluiu pós-graduação Lato Sensu em Gestão Hospitalar na Unilago, onde também é professor de Cirurgia Vascular, Técnica Cirúrgica e Urgências.

Orgulhosa da herança sírio-libanesa, a família Atique Gabriel valoriza e promove os valores da cultura árabe. Grande prova disso é o seu constante envolvimento com ações sociais de assistência a asilos, hospitais, instituições de caridade e às populações carentes em geral. ■





Imagem de santa Verônica Giuliani, o arcebispo maronita Camille Zaidan, de Antélias, durante a missa da consagração; a estátua de Nossa Senhora de Fátima é recebida pela multidão com uma chuva de pétalas de rosa; vista geral da igreja de santa Verônica Giuliani, na cidade de Ksaibe, distrito Metn, Monte Líbano



*Ksaibe*

# SANTA VERÔNICA GIULIANI

Como um religioso e um casal que perdeu uma filha muito jovem se encontraram para realizar uma profissão de fé cujo resultado se encontra na aldeia de Ksaibe, no Líbano. A bela igreja consagrada à santa italiana que é hoje padroeira dos católicos libaneses

**D**ia 9 de julho de 2016 é uma data importante não só para a aldeia de Ksaibe, localizada à leste da capital libanesa Beirute, mas para católicos do mundo inteiro, pois marca a conclusão de um projeto de vida de três pessoas devotas e também o início de uma jornada de fé. Naquele dia foi consagrada pelo arcebispo Gabriele Caccia, núncio do Vaticano no Líbano, a recém-construída igreja de santa Verônica Giuliani. E, enquanto bandeiras por todo o país proclamavam “uma santa se ergue no Líbano!”, o religioso libanês Emmanuel via se concretizar a missão que ele se propôs em 1994, quando servia em um mosteiro de Deir al-Zour, na Síria, e teve contato com os diários da santa italiana (1660-1727) praticamente desconhecida no resto do mundo.

“Fiquei espantado com o que li”, lembra-se ele. Era preciso saber o porquê dela estar esquecida entre os católicos, porém o mais importante eram as palavras que haviam nos relatos de santa Verônica Giuliani: “Jesus disse a ela que sua vida e seus escritos permaneceriam em silêncio até o momento mais difícil da Igreja e da humanidade”, conta Emmanuel, que tomou a decisão de construir a primeira igreja consagrada à santa fora da Itália e também realizar

um filme sobre o personagem para compartilhar a sua descoberta. O ambicioso projeto tinha como objetivo a adoção de santa Verônica Giuliani pelo povo do Líbano - que já possui três santos nativos: Charbel, Rafka e Hardini - e assim renovar seus votos para angariar mais fiéis para a sua fé.

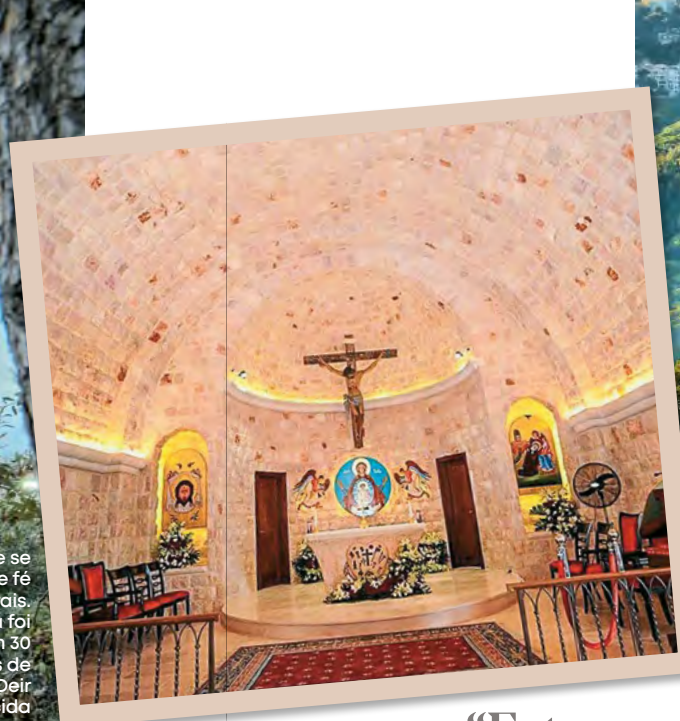
Durante a cerimônia de consagração do novo templo, o arcebispo Caccia disse: “É um grande prazer estar aqui entre vocês para inaugurar esta igreja, representando Sua Santidade. E minha presença significa a bênção do papa Francisco”, ressaltando se tratar de um evento global, com a participação de delegações de diversos países se unindo ao povo libanês em um importante momento de profunda espiritualidade.

Oito anos antes, o irmão Emmanuel, em seus esforços para a construção da igreja, havia sido fundamental na fundação de uma associação, os Amigos de santa Verônica Giuliani. E mais tarde, em 2015, na criação da ordem religiosa Pequenos Servos do Imaculado Coração de Maria, em 2015. Nas palavras dele: “Esta santa escolheu o Líbano como um país para começar, ou intensificar, sua missão porque o país ama muito Nossa Senhora e tem um relacionamento muito profundo com Maria”. Ele também chama atenção sobre o relato de santa Verônica, quando ela conta ter ouvido da própria





A aldeia Ksaibe se tornou um local de fé e de belezas naturais. Ao lado, a igreja foi construída com 30 mil pedras, vindas de uma pedreira de Deir el-Ahmar - conhecida pelas rochas em tom avermelhado



À esquerda, a estátua de santa Verônica com a cidade de Brummana ao fundo. Abaixo, o túmulo de Maria Nakouzi, no terreno da Igreja de santa Verônica Giuliani

## “Esta santa escolheu o Líbano como um país para começar, ou intensificar, sua missão”

Virgem: “Você é minha filha preferida e você é o coração do meu coração”.

Mesmo sem ter sido formado um comitê para a angariação de fundos para a obra, as notícias sobre os planos de se erigir uma igreja se espalharam pelo país. Doações vieram de católicos maronitas e cristãos libaneses, bem como dos fiéis de todo o mundo, em particular dos expatriados. Mas ainda havia uma questão a ser resolvida: “Nós oramos por um ano e meio para saber onde construir a igreja”, revela o irmão Emmanuel. Embora três pessoas tenham oferecido terras para abrigar o templo, cada uma em diferentes regiões do país, ele diz que sabia da importância espiritual da tarefa e, portanto, não se sentia autorizado a escolher um local. Decidiu então realizar uma novena: “Se Deus não revelar a localização, nós iremos perguntar ao patriarca”, conta. Foi essa decisão que fez entrar em cena os outros dois protagonistas da jornada.

### A HISTÓRIA DE MARIA NAKOUZI

No último dia da novena, o irmão Emmanuel foi procurado pelo casal André e Jean Nakouzi que lhe ofereceu um pedaço de terra para a construção da igreja. Mas dessa vez a proposta foi diferente, pois como disse André ao religioso, tratava-se de “uma história do céu”. Afinal, eles também tinham como missão construir uma igreja para santa Verônica Giuliani em sua terra natal, o Líbano.

Dois anos antes, André e Jean haviam perdido a filha de 21 anos, Maria, vítima de câncer. E o que para muitos seria um tormento capaz de destruir suas vidas, revelou-se um caminho de entrega para a fé e dedicação ao próximo.

“É um milagre, sentimos a mão de Deus e da Virgem Maria em tudo”, disse a mãe de Maria ao religioso, contando a história da filha a quem chamavam de Maria Mercy (misericórdia), por amar a todos com toda a força de seu coração.

Quando adoeceu, Maria avisou aos pais que não se alarmassem pois era a vontade de Jesus que ela fosse uma alma sacrificada para conversão de jovens que se encontram longe de Deus. Jesus também havia lhe revelado que sofreria muito durante 15 meses e que, no ano seguinte, na Sexta-Feira Santa, morreria. E foi exatamente o que aconteceu. Ainda segundo André, pouco antes de morrer a filha lhe disse: “A Mãe Santíssima está olhando para você e lhe pede que construa uma igreja para santa Verônica Giuliani no Líbano. É o desejo da Mãe Santíssima nos últimos 300 anos”. Sem entender muito bem, a mãe respondeu à filha: “Mas como? Nossa família não tem recursos financeiros”. Maria Mercy então a instruiu a ir até o avô Elias, e falar sobre um pedaço de terra íngreme que ela conhecia de uma visão revelada por Nossa Senhora. “Meu avô lhe dará essa terra e você construirá a igreja”, garantiu Maria. André conta que Maria não sabia que o avô tinha alguma terra

em Ksaibe e continuou atônita, sem saber o que dizer. Novamente Maria foi firme, pediu que a mãe que fechasse os olhos. Ela diz ter visto uma grande igreja e ouviu nitidamente que aquilo era o desejo da Mãe Santíssima e da filha Maria: “Não diga não para elas”. André então fez a promessa à filha, que morreu momentos depois. Hoje, sobre o túmulo de Maria, no terreno da Igreja de santa Verônica Giuliani, há uma faixa com sua foto e a mensagem: “Jesus ama a juventude de maneira especial. Cada um de vocês recebeu um copo. Ele quer que você o esvazie de todos os seus pecados no confessionário e o encha com atos de amor, misericórdia e oração”.

### UMA OBRA DO CORAÇÃO

Tudo ocorreu como Maria havia previsto e a escavação da propriedade, localizada em uma montanha íngreme em Ksaibe, começou em junho de 2014. A primeira parte do projeto - um convento para os Pequenos Servos do Imaculado Coração de Maria que seria anexado à igreja - foi concluído em outubro do ano seguinte. O trabalho de concreto e pedra para o edifício teve início em março de 2016 e o irmão Emmanuel nunca duvidou que a igreja estaria pronta a tempo de ser consagrada em 9 de julho daquele mesmo ano - santa Verônica Giuliani morreu nessa data, em 1727. “A velocidade com que a igreja foi construída é como um milagre”, declarou o arcebispo maronita Camille Zaidan, de Antélias, no Líbano,

na homilia depois da consagração -o arcebispo é natural de Ksaibe. Normalmente, um projeto dessa monta consumiria de três a quatro anos em obras. Por isso, muito dos envolvidos no projeto não se furtam ao falar em intervenção divina: “Deus estava nos ajudando, foi com a ajuda da Mãe Santíssima”, ou “Santa Verônica Giuliani trabalhou aqui”.

O clima religioso dominou a obra e alguns muçulmanos, peritos em trabalhos de pedra, presenciando a atmosfera de orações e o ritmo do andamento do projeto, optaram por se converter, alegando que o que testemunharam não era humanamente possível.

Elie Madi, católico maronita de 56 anos, responsável pelo trabalho em pedra, conta que tinha uma pequena equipe em um turno único das 7 da manhã até a meia-noite e tudo “fluiu suavemente”. Ele afirma: “Coloquei todos os meus sentimentos e amor em cada uma dessas pedras”. Ao todo foram 30 mil pedras, vindas de uma pedreira de Deir el-Ahmar - no vale do Bekaa, conhecida pelas rochas em tom avermelhado - cortadas e assentadas manualmente uma a uma.

### EM NOME DA PAZ

Durante todo o dia antes da consagração, a igreja de santa Verônica Giuliani fervia de atividades. Irmãs e irmãos da Ordem, junto com voluntários, trabalhavam juntos como uma orquestra bem





Freiras na igreja de santa Verônica Giuliani. Acima, o corpo da santa, intacto

## “Meu avô lhe dará essa terra e você construirá a igreja” – De Maria Nakouzi para sua mãe, Andre

afinada, esfregando o chão, lavando as janelas, colocando os bancos no lugar enquanto visitantes ocasionais passavam e paravam para rezar.

Do lado de fora, dezenas de trabalhadores e voluntários estavam ocupados com toques finais no exterior e em seus jardins. Mastros imponentes com as bandeiras do Vaticano, do Líbano e da Itália ladeavam o edifício. Sinais foram postados para estações de confissão ao ar livre, alto-falantes foram instalados para transmitir a consagração e a missa; e flores foram plantadas na Gruta Nossa Senhora de Fátima, de frente para a entrada da igreja. Uma enorme faixa com a imagem do Sagrado Coração de Jesus adorna a entrada do edifício.

Após a consagração, o badalar do sino da igreja - fabricado em uma fundição em Beit Chebab, no distrito Metn - sinalizou o início da procissão ao ar livre. Acompanhado por uma banda marcial, o núncio, bispos, sacerdotes, irmão Emmanuel e outros religiosos, os Nakouzis e os fiéis, precedidos por um crucifixo e a estátua de Nossa Senhora de Fátima, e finalmente a estátua em tamanho natural de santa Verônica é recebida pela multidão com uma chuva de pétalas de rosa.

A imagem foi colocada em uma alcova ao lado do altar, junto ao relicário da santa. “Espero que com o tempo esta igreja se torne um lugar onde nós viremos para pedir a graça da cura, e onde seremos curados não apenas de doença física, mas também da

doença da alma”, proclamou o núncio vaticano em seu discurso. “Este é meu desejo: renovar nossa vida espiritual, a Igreja no Líbano e a Igreja universal, por intercessão de santa Verônica Giuliani”, concluiu.

O arcebispo sírio católico Raboula Antoine Beylouni, bispo curial emérito de Antioquia, representando o patriarca Ignace Joseph III Younan, disse: “Esperamos que santa Verônica Giuliani seja a padroeira para este país e que, através de sua intercessão, o Senhor acabará com as provações e tribulações da guerra, para que a paz prevaleça no mundo”.

Após a missa, André Nakouzi também se pronunciou falando sobre sua filha Maria, seu “amor terno e verdadeiro por Jesus” e por ter sido um modelo de sacrifício. E o irmão Emmanuel, em suas considerações, declarou a esperança de que a igreja seja uma luz espiritual e um lugar para apresentar mais fiéis à santa Verônica Giuliani, além de se tornar um centro dedicado ao Imaculado Coração de Maria. No encerramento das comemorações do dia de santa Verônica Giuliani, houve a exibição de 12 minutos do filme que conta a história da santa, dirigido por Giovanni Ziberna. O cineasta deu um testemunho comovente sobre sua conversão a partir do trabalho no filme “*Il Risveglio di un Gigante Vita di Santa Verônica Giuliani*”, lançado em 2016 em versões em árabe, italiano e mais cinco idiomas. ■

# CENTERBRÁS-AG

## O espaço ideal para a instalação de sua empresa.

Situado na região Central da cidade de São Paulo, cortado pelos principais eixos viários.

Região que contempla os maiores centros de distribuição e comércio atacadista/varejista do país.



Rua da Alfândega, 200 • Brás • São Paulo  
Tel.(11) 3322-7000  
centerbras@centerbras.com.br





Assistir a  
um show de  
cores, ritmos  
e acrobacias.

Alugue  
essa ideia.

CIRQUE DU SOLEIL



Foto: Tim Bennett. Figurino: Liz Vandal © 2017 Cirque du Soleil



alugue  
pelo app

0800 979 2020

localzahertz.com

**Localiza Hertz**

Locadora oficial do espetáculo OVO, do Cirque du Soleil.